



Sequências Didáticas: Mulheres Negras e o Trabalho

Brenda Cardoso de Oliveira

Belém - Pará - 2020



Ficha Técnica

- ✓ **Organização: Brenda Cardoso de Oliveira**
- ✓ **Pesquisa e Redação: Brenda Cardoso de Oliveira**
- ✓ **Orientação e Revisão: Cátia Oliveira Macedo**
- ✓ **Design Gráfico: Bárbara Cardoso de Oliveira**

Imagem

Rosie No. 1, Tim Okamura, 2017, print. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/836754805739214080/>. Acesso em 29 de agosto de 2020. A plataforma dá a comunidade global acesso às belas-artes e colecionáveis mais procurados.

Setor de Processamento Técnico
Biblioteca IFPA - Campus Belém

O48p Oliveira, Brenda Cardoso de.
Sequências didáticas : mulheres negras no trabalho / Brenda Cardoso de Oliveira. – Belém, 2020.
21p.

Produto técnico: (Mestrado: Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, 2020.

1. Mulheres negras. 2. Trabalho. 3. Ensino médio integrado.
I. Título.

CDD: 305.8981

SUMÁRIO

Apresentação	1
Descrevendo o produto educacional: as sequências didáticas	2
Finalidades das sequências didáticas.....	2
Por que aplicar sequências didáticas na EPT?.....	3
Aplicação.....	4
Oficina 1.....	6
Oficina 2.....	7
Por dentro das sequências didáticas: uma breve discussão entre as mulheres negras e o trabalho	10
Considerações finais	14
Referências	15

APRESENTAÇÃO

Este encarte é a materialização do produto educacional construído a partir da pesquisa intitulada *Práticas Interdisciplinares entre a História e a Geografia na EPT: uma discussão sobre as mulheres negras e o trabalho no Ensino Médio Integrado*, feita durante a regência do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica promovido no Instituto Federal em Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, campus Belém.

O programa tem como objetivo a promoção de uma formação que desenvolva conhecimentos e produtos educacionais à sociedade, a partir de pesquisas que integrem tanto os saberes sistematizados como os provenientes do mundo do trabalho. Este material é pensado a partir da perspectiva de uma educação integral, omnilateral, politécnica e para todos (Ramos, 2008; Ciavatta, 2014; Frigotto, Ciavatta e Ramos, 2005) e da Escola Unitária de Gramsci (2001), a qual prioriza um ensino comum, único e desinteressado¹, que dê condições aos alunos para que tenham acesso aos bens materiais e culturais produzidos pelo homem.

Este modelo de educação e ensino visa a superação da escola tradicional, dicotômica e desigual, a partir de mudanças significativas, como: repensar os currículos, as metodologias de ensino, os recursos didáticos, a relação aluno–professor–aluno, no sentido de promover a inclusão e a participação significativa. Assim, o ensino integral desconstrói a ideia de separação entre os conhecimentos formais e os conhecimentos produzidos no cotidiano dos alunos, proporcionando, a partir de metodologias interdisciplinares, mecanismos para desenvolver o senso crítico nos discentes, proporcionando o questionamento da realidade e a reflexão de meios a fim de superar as contradições inerentes a ela, na busca pela transformação social.

É neste caminho que o produto educacional – *Sequências Didáticas: Mulheres Negras e o Trabalho* – foi pensado, partindo de atividades interdisciplinares entre a História e a Geografia no Ensino Médio Integrado; procurando refletir, junto aos alunos, as relações históricas entre as mulheres negras e o trabalho, a partir dos processos estruturais da escravidão e do patriarcado, os quais deixaram marcas profundas na vida destas mulheres, ao ponto de até hoje estas serem alvo de discriminações e exclusões pela relação direta com trabalho manual.

Assim, as atividades sequenciadas são o ponto-chave para pensar as relações entre trabalho, gênero e raça e de que formas estas podem ser refletidas e ressignificadas pelos alunos.

¹ Desinteressado: termo que remete a um ensino sem interesses lucrativos.

DESCREVENDO O PRODUTO EDUCACIONAL: AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Para Zabala (1998, p. 18), a sequência didática é o “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.”, e tem como finalidade primordial, segundo o autor, a promoção de novos modelos que possibilitem melhora na atuação em sala de aula, em razão do entendimento mais intrínseco das variáveis que agem diretamente no processo de aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, se faz primordial promover atividades conectadas entre si, que ajudem os alunos a construir relações com base em diferentes pontos vista, os possibilitando abranger o conteúdo abordado e conectar os saberes aprendidos à vida prática.

Oliveira, Amaral e Celestino (2013) comentam que as sequências didáticas também colaboram de forma primordial para um trabalho interdisciplinar, pois corroboram para a articulação dos saberes disciplinares, integrando os conteúdos. Buscando, assim, superar a ideia de fragmentação e especialização dos conhecimentos, tão comuns na escola e modelos tradicionais, as quais terminam fragmentando a realidade e tornando mais difícil a aprendizagem significativa.

Foi, portanto, neste modelo que se consolidou o produto educacional: Sequências Didáticas Interdisciplinares ao Ensino Médio Integrado, por meio do qual, a partir do diálogo ativo entre o Ensino da Geografia e de História, o aluno possa compreender o mundo do trabalho e suas relações com as mulheres negras nas diferentes temporalidades, a partir das mudanças que ocorrem no espaço brasileiro nos âmbitos político, econômico e social, ao longo do século XIX – XX.

FINALIDADES DA SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS:

- Promover um ensino integral, omnilateral, que conceda mecanismos aos discentes para uma formação crítica, histórica e social; que reflita o mundo do trabalho, suas concepções, tradições, os sentidos e os valores construídos ao longo do tempo pelas sociedades;
- Propor atividades que superem o ensino tradicional e bancário, a partir do ensino cooperativo, participativo, baseado na criticidade da abordagem dos conteúdos;
- Pesquisar as relações históricas, sociais e culturais entre as mulheres negras e o trabalho, a partir da perspectiva interdisciplinar entre a História e a Geografia na EPT;
- Pensar como as categorias gênero e raça relacionam-se com a categoria trabalho;
- Refletir, juntos aos alunos, mecanismos que desconstruam imagens, valores e estereótipos sobre o trabalho e a sua relação com as mulheres negras.

POR QUE APLICAR SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NA EPT?

As sequências didáticas podem contribuir para uma educação integral, omnilateral, unitária, de amplo acesso a todos, em que se possa relacionar conhecimento, cultura e trabalho. Também podem ajudar os discentes a compreenderem a realidade a partir da totalidade; integrar os saberes científicos, tecnológicos, históricos aos saberes práticos, proporcionando uma visão geral dos fenômenos sociais, reforçando, assim, a construção de um currículo integrado, com formação crítica, transformadora e emancipatória. Santana (2019, p. 29-30) evidencia a importância de uma prática integradora – como as sequências didáticas – para a promoção de uma formação de qualidade no Ensino Médio Integrado:

Uma prática pedagógica integradora faz-se necessária para efetivação da política pública do Ensino Médio Integrado, haja vista que a proposta é a formação integral dos estudantes, isto é, uma formação omnilateral. Sendo assim, o modelo Sequência Didática apresenta-se como uma situação de aprendizagem integradora, uma vez que propicia uma interlocução entre as diversas áreas e o conteúdo.

As sequências didáticas colaboram também para a superação do modelo tradicional de ensino, que tem como método pedagógico unicamente a aula expositiva pelo professor, focado na passividade do aluno. Este modelo de ensino preza pela transmissão e reprodução compartimentada dos conteúdos, direcionando o discente para um ensino enciclopédico, que não produz relações concretas entre o conhecimento que se aprende em sala de aula e a vida prática. Este tipo de formação é comumente voltada aos interesses do capital e do mercado.

A partir das atividades sequenciadas e variadas, tanto na temática quanto na metodologia, é possível maior participação e integração dos discentes nas aulas, no aprofundamento dos debates, dos conteúdos e na sua relação com o docente – num viés dialógico. Assim, propõe-se um método de ensino inclusivo e participativo, no qual as relações entre conhecimento e prática estabelecem-se em cada etapa das atividades propostas. Cabral (2017, p. 35) corrobora com esta ideia e vai além, indicando que as sequências didáticas promovem interações verbais significativas, favorecendo a capacidade argumentativa dos estudantes:

A grande aposta desse modelo de intervenção de ensino é que o ambiente criado para a sala de aula será revestido, em tese, de um maior envolvimento dos alunos entre si e com o professor. A ênfase nas interações verbais possibilita a compreensão das formas do pensamento das crianças gerando um ambiente profícuo para o desenvolvimento da capacidade argumentativa.

Pensadas a partir do olhar interdisciplinar, as sequências didáticas também podem ser vistas como colaboradoras para a construção de conhecimentos afins, no entendimento de conceitos, na compreensão do real a partir de diálogos, conexões entre diferentes áreas dos saberes. Logo, com base em múltiplas visões, é possível problematizar no espaço de sala de aula, as contradições e questionamentos diários que a sociedade produz, viabilizando o debate entre discentes e docentes,

na promoção de aprendizagens significativas para os agentes envolvidos. Oliveira, Amaral e Celestino (2013, p. 54) são categóricos sobre esta questão:

(...) Como podemos ver as Sequências Didáticas corroboram de forma significativa para um trabalho interdisciplinar, partindo do pressuposto de que a interdisciplinaridade implica em integrar conteúdos, passando de uma concepção fragmentada para a concepção unitária do conhecimento (...)

Desse modo, observa-se que as sequências didáticas são meios propícios para adentrar e alargar os limites dos conteúdos, mobilizar novas formas de enxergar os sujeitos, as sociedades, as estruturas, a partir da categoria trabalho. Visto por meio da educação integrada, o trabalho supera a concepção de canal de sofrimento e exploração; mas é percebido de forma ressignificada, no seu sentido ontológico e histórico, de produção da vida material e de realização humana, que viabiliza as condições fundamentais para o homem sobreviver na sociedade até os dias de hoje.

É a partir dessas perspectivas que propusemos a produção de sequências didáticas para refletir o mundo do trabalho e sua relação com as mulheres negras, aquelas pensadas a partir do olhar interdisciplinar da História e da Geografia na EPT. Buscou-se, ainda, aprofundar o debate, junto ao alunos, sobre a relação histórica entre as categorias gênero, raça e trabalho; compreender como esta relação afetou as mulheres negras de forma direta, ao ponto de serem excluídas e rechaçadas do acesso a direitos e à cidadania durante anos, e como, hoje, as imagens dessas mulheres podem ser meios para a desconstrução de estereótipos e fontes para a construção de empoderamento e de poder na sociedade brasileira.

APLICAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

As sequências didáticas *Mulheres Negras e o Trabalho* foram produzidas na turma de terceiro ano do Ensino Médio Integrado, do curso de Edificações, no Instituto Federal do Pará – IFPA – *campus* Belém, durante as aulas de Geografia. Estas são fruto da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, e contribuíram, junto aos discentes, a refletir acerca da importância de se debater, a partir do olhar interdisciplinar da História e da Geografia, as relações históricas entre as mulheres negras e o trabalho manual.

A partir desses questionamentos, propôs-se, em diálogo com os alunos, pensar a ressignificação dessas relações, tendo como base a luta e a resistência dessas mulheres, não mais atreladas ao passado escravista, mas como meios para seu empoderamento e inserção social.

As atividades sequenciadas se consolidaram a partir de oficinas temáticas, seguindo o planejamento abaixo:

Procedimentos	Atividades
Observação	Conhecer e acompanhar as aulas de Geografia da turma;
<p>Aula 1: Temática desenvolvida: “O Processo de Industrialização Brasileira”</p>	<p>Oficina 1: Conceção/Ideias sobre o Trabalho no contexto histórico – espacial brasileiro/ Sujeitos do Trabalho: mulheres negras;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Amostra do documentário: <i>“A Cor do Trabalho”</i> - Roda de Conversa; - Debate com os alunos sobre o documentário; - Construção de atividades
<p>Aula 2: Temática desenvolvida: “Regiões Brasileiras”</p>	<p>Oficina 2: Mulheres Negras/Trabalho/Regionalidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Amostra das telas de arte da artista Antonieta Santos Feio: <i>“A Vendedora de Cheiro -1947” e “A vendedora de Tacacá – 1937”;</i> - Debate sobre o contexto histórico das mulheres negras nos séculos XVII, XVIII e XIX; - Mecanismos de sobrevivência a partir do trabalho nas diferentes regiões; - Construção de atividades;
<p>Aula 3: atividade</p>	<p>Proposta de redação a partir dos debates feitos em sala de aula:</p> <p><i>-Mulheres Negras e o Mercado de Trabalho.</i></p>
<p>Entrevistas com os alunos via aplicativo – WhatsApp</p>	<p>Verificação das impressões sobre as oficinas, a temática, a questão metodológica, a produção de aulas interdisciplinares, contribuição para o aprendizado;</p> <p>Perguntas:</p> <p><i>1- Como você entendeu os conteúdos da disciplina de Geografia a partir das discussões feitas nas oficinas de História?</i></p> <p><i>2- Qual a importância das discussões sobre mulheres negras e o trabalho a partir das oficinas?</i></p>

3- Qual a importância do debate sobre mulheres negras e o trabalho no curso de Edificações?

A partir do planejamento em conjunto com a professora de Geografia, propôs-se a construção de atividades organizadas em etapas, nas quais houve a interação entre as impressões e os saberes construídos pelos alunos sobre as temáticas ministradas com a reflexão histórica das relações entre trabalho e mulheres negras, na seguinte dinâmica:

OFICINA 1

Temática: Concepções sobre o Trabalho no contexto histórico – espacial brasileiro e as mulheres negras;

Dia da Aplicação: 12/06/2019

Recurso Metodológico: documentário “*A Cor do Trabalho*”, de Antônio Olavo - produzido em 12 de dezembro de 2014;

Figura 1: Capa do Documentário *A COR DO TRABALHO*



Fonte: OLAVO, Antônio. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LIXQDjbDtZE&feature=youtu.be>

Objetivo da primeira oficina: debater, junto aos alunos, sobre a concepção de trabalho no Brasil, as mudanças político-econômicas e sociais – o processo de industrialização brasileira e a mudanças dos centros urbanos – e a sua relação com a população negra, em especial com as mulheres negras;

Procedimentos Metodológicos:

- **Observação:** Acompanhar as aulas de Geografia da turma com a seguinte temática: “O Processo de Industrialização Brasileira”;
- **Apresentação do documentário:** “*A Cor do Trabalho*” aos alunos;

Atividades proposta aos alunos:

- **Roda de Conversa sobre o documentário:** impressões e o que mais chamou a atenção no documentário;
- **Debate com os alunos;**
- **Proposta de atividade:** *A partir das discussões feitas em sala sobre o documentário A Cor do Trabalho e das aulas sobre o processo de industrialização brasileira, produza um texto no qual você relacione de que maneira a forma de conceber historicamente o trabalho afetou a sociedade brasileira – no seu processo de desenvolvimento, na mudança dos espaços sociais e na vida das pessoas, principalmente das mulheres negras.*

OFICINA 2

Temática: Mulheres Negras, Trabalho e Regionalidade;

Dia da Aplicação: 28/08/2019

Recurso Metodológico: tela do artista Henry Chamberlain, *Quitadeiras da Lapa* (1819 – 1820); a litografia de Léon Palliere, *Um Mercado em Bahia* (1865); tela da artista Antonieta Santos Feio, *A Vendedora de Cheiro* (1947) e *A vendedora de Tacacá* (1937);

Figura 2: - Tela “QUITANDEIRAS DA LAPA”



Fonte: Chamberlain, Henry (1819 – 1820), *Quitadeiras da Lapa*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://historialivre.com.br/escravas-negras-no-brasil/chamberlain-henry-1819-1820-quitadeiras-da-lapa-rio-de-janeiro>.

Figura 3: Litografia “UM MERCADO EM BAHIA”



Fonte: Léon Palliere. *Um Mercado em Bahia*. Litografia, 1865. Disponível em: http://sossegodaflores.blogspot.com/2015/11/pequeno-dicionario-da-cozinha-baiana_6.html

Figura 4: Tela *A VENDEDORA DE CHEIRO*



Fonte: FEIO, Antonieta Santos. 1947. Disponível em: <https://casaclaudia.abril.com.br/arte/instituto-tomie-ohtake-exalta-obras-de-artistas-brasileiras/>

Figura 5: Tela A VENDEDORA DE TACACÁ



Fonte: FEIO, Antonieta Santos. 1937. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aof/6466>

Objetivo da segunda oficina: Debater, junto aos alunos, as mudanças ocorridas no período republicano; destacar que o fim da escravidão e a implementação do processo de cidadania e do sistema capitalista não abarcaram a maioria da população brasileira, pobre e negra. Muitos continuaram suas vidas, excluídos do processo de cidadania e dos direitos na maioria das localidades brasileiras, inclusive, ao trabalho formal. Mas essa população, e principalmente às mulheres negras, durante os séculos XVII, XVIII e XIX, criaram mecanismos de sobrevivência que remetiam ao trabalho manual. Em cada região (Sudeste, Nordeste e Norte) foram utilizadas diferentes estratégias, como a venda de produtos regionais, produzidos a partir dos saberes ancestrais africanos e indígenas (no Rio de Janeiro, os quitutes; na Bahia, o acarajé e o vatapá; e no Pará, o tacacá e cheiro verde); o uso de roupas e acessórios característicos de cada região, evidenciando as influências étnicas, sociais e culturais.

Procedimentos Metodológicos:

- **Observação:** Acompanhar as aulas de Geografia da turma com a seguinte temática: “Regiões Brasileiras”;

- **Apresentação das telas:** tela do artista *Henry Chamberlain*, *Quitadeiras da Lapa* (1819 – 1820); a litografia de *Léon Palliere*, *Um Mercado em Bahia* (1865); tela da artista *Antonieta Santos Feio*, *A Vendedora de Cheiro*, (1947) e *A vendedora de Tacacá* (1937).

Atividades proposta aos alunos:

- **Observação:** olhar atentamente as telas;

- **Identificação:** descrever as personagens e os elementos em destaque – em detalhes;

- **Debate com alunos:** sobre as impressões das imagens e o contexto histórico republicano;

- **Proposta de atividade:** A partir das análises construídas pelo debate sobre a impressão das telas do artista *Henry Chamberlain*, *Quitadeiras da Lapa* (1819 – 1820); a litografia de *Léon Palliere*, *Um Mercado em Bahia* (1865); e a tela da artista *Antonieta Santos Feio*, *A Vendedora de Cheiro* (1947) e *A vendedora de Tacacá*, (1937); dos conhecimentos sobre o contexto histórico republicano e suas relações com os sujeitos envolvidos, no caso as mulheres negras e o trabalho, responda aos seguintes questionamentos:

- 1- *Que elementos os artistas trazem nas pinturas que evidenciam à relação das mulheres negras e o trabalho em cada região (Sudeste, Nordeste, Norte)?*
- 2- *A partir do que se foi debatido em sala sobre o trabalho no Brasil e suas relações, como as pinturas de Antonieta Feio podem nos ajudar a pensar o trabalho e as mulheres negras na Amazônia?*

No outro momento, a professora da turma, como forma de avaliação (a partir dos saberes produzidos nas aulas e interligados pelas oficinas), pediu aos alunos a produção de uma *redação* intitulada *Mulheres Negras e o Mercado de Trabalho*;

Após as oficinas e a produção do texto avaliativo, foram realizadas *entrevistas* com os alunos via aplicativo *WhatsApp*, nas quais foram identificadas as impressões sobre as oficinas, a temática, a questão metodológica, a produção de aulas interdisciplinares, entre Geografia e a História no Ensino Médio Integrado e de que forma esses tipos de atividades contribuíram para seus aprendizados. Foram feitas as seguintes perguntas:

- 1- *A partir do olhar interdisciplinar proposto pelas oficinas, como você entendeu a temática abordada?*
- 2- *Qual a importância da discussão sobre mulheres negras e o trabalho a partir das oficinas?*
- 3- *Qual a importância do debate sobre mulheres negras e o trabalho no curso de Edificações?*

Com a conclusão das atividades desenvolvidas nas oficinas, os materiais produzidos pelos alunos foram recolhidos e analisados para a compreensão de saberes construídos, relações feitas, e mudanças de perspectiva a partir de uma prática educativa ressignificada. Estas práticas lapidam o caminho para uma formação integral, a qual supera a superficialidade dos conteúdos, fomentando debates importantes para a reflexão e a transformação de vida dos estudantes.

POR DENTRO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS MULHERES NEGRAS E O TRABALHO

A partir das atividades sequenciadas, foi possível discutir pontos importantes com os discentes sobre as relações entre mulheres negras e o trabalho. Após observação e análise desses pontos, percebemos que eles partem dos seguintes eixos: a categoria trabalho; as mudanças ocorridas no contexto socioespacial brasileiro na virada do século XIX/XX; as mulheres negras; o mercado de trabalho; os movimentos sociais em prol da população negra; e as políticas públicas afirmativas.

Sobre a categoria trabalho, destaca-se os excertos de conversas realizadas durante as oficinas:

“O trabalho é a atividade por meio da qual o ser humano produz sua própria existência. A ideia não é que o ser humano viva em função do trabalho, mas é por meio dele que produz os meios para se manter vivo. Dito isto, o impacto do trabalho e do seu conceito exercem grande influência na construção do sujeito” (A.1).

“Historicamente, a partir do processo de colonização e constituição posterior de uma sociedade brasileira, o trabalho braçal, ato de produção básica de subsistência é tido como algo ruim. Aquele que trabalha no Brasil colonial é extremamente menosprezado, diminuído e num futuro liberto, porém continuamente, marginalizado e oprimido” (A.2).

“O conceito de trabalho foi definido ao longo do tempo na sociedade brasileira de forma fragmentada entre os trabalhadores considerados “bons” e/ou “ruins” (A.3).

Fica evidente, na fala do aluno A1, a percepção de um dos sentidos que a categoria trabalho possui: o princípio ontológico, de manutenção da vida e da própria existência da espécie. Sem a produção material da vida, o homem não consegue desenvolver artifícios, tecnologias, técnicas, a fim de garantir a sua subsistência e se manter em sociedade. Nesse sentido, a fala do estudante segue a linha de pensamento de Saviani (2007, p. 154), quando o autor evidencia o sentido que o trabalho assume na essência humana:

(...) Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem, não é uma dádiva divina ou natural, não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um efeito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico.

Este sentido muda, no momento em que os alunos compreendem o processo de formação da sociedade brasileira, na qual o trabalho é visto de forma “fragmentada”, ou seja, acaba sendo exercido de forma desigual. Na colonização, o trabalho manual tem sentido negativo e opressor, e é visto como algo inferior. Tal qual a ele são as pessoas responsáveis pelas atividades laborais. Estas eram vistas e tratadas de maneira inferior. No contexto da divisão social brasileira colonial, o negro era o responsável pelos trabalhos manuais, com o intuito de sustentar a sociedade a partir do trabalho escravo. Na obra *Para uma História do Negro no Brasil* (1988, p. 50), produzida pela *Biblioteca Nacional* comenta-se a seguinte questão:

(...) na sociedade escravista (colonial) foram destinados (aos negros) aos serviços braçais nas cidades – os “serviços de negros” – e a economia de subsistência, junto com os brancos pobres, nas roças e fazendas. Na cidade ou no campo, eles foram, em sua maioria, “marginalizados”, ficando sujeitos, por isso, juntamente com o resto da população pobre e insatisfeita, à criminalidade, à prostituição, ao alcoolismo e, daí, à rejeição social.

Mesmo com as mudanças na sociedade e no processo de desenvolvimento brasileiro nos finais do século XIX e início do XX – fim da escravidão (1888), alteração do regime político para o regime republicano (1889) –, nas estruturas sociais ainda permaneceram as reminiscências do patriarcado, do racismo, do sexismo. A exclusão e a desigualdade no contexto social brasileiro vão separar os indivíduos pela cor, sexo e pelas relações – diretas ou não – com o trabalho. Neste contexto, mulheres negras foram afetadas de maneira substancial. Em meio a este processo, os alunos do curso de Edificações se posicionam a partir de *suas análises*:

“A grande maioria das mulheres negras no Brasil hoje são pertencentes a classe pobre e sem nenhuma perspectiva de vida, servindo aos brancos que quase sempre ocupam cargos de poder, e acima de tudo sofrendo com o preconceito por serem negras” (A.4).

“(...). Ainda há o caso das mulheres negras que sofrem tanto o preconceito racial como o de gênero, sendo esquecidas mais ainda. Todas essas pessoas inclusive, estão sujeitas à violência pela irracionalidade e imoralidade de primitivos. (...)” (A.5).

“O que torna a mulher negra como símbolo de pura resistência, que mesmo estando subjugadas, oprimida e rebaixada, se ergue na coletividade, no empreendedorismo e na luta diária contra um sistema branco e opressor” (A.6).

A partir dessas assertivas e dos debates feitos nas oficinas, os alunos refletem sobre a condição das mulheres negras e seus processos de exclusão, marginalização, bem como acerca do papel que exercem na estrutura de classes da realidade brasileira: *“a grande maioria das mulheres negras no Brasil são pertencentes a classe pobre e sem nenhuma perspectiva de vida (A4)”*.

Apesar de este quadro está em constante mudança, consideravelmente, em razão do protagonismo dos movimentos de mulheres negras, das ONGs voltadas a sua proteção e ao acolhimento, da luta constante contra o racismo, o sexismo e as desigualdades, as contradições de classe ainda são latentes. Essas mulheres ainda ocupam funções na sociedade que aludem ao passado escravista, como empregadas domésticas, amas de leite ou mesmo vítimas da

hipersexualidade ao qual foram relegadas. Ainda são elas que mais sentem a pobreza e a exclusão, como evidencia NASCIMENTO 1976, *apud* HEILBORN, ARAÚJO & BARRETO (2010, p. 190):

Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas áreas rurais. Podemos acrescentar, no entanto, ao que expusemos acima, que estas sobrevivências ou resíduos do escravagismo, se superpõem aos mecanismos atuais de manutenção de privilégios por parte do grupo dominante.

Os autores também tocam numa questão bastante complexa histórica, que atinge a maioria das mulheres negras: são elas que sentem na e pela pele as consequências do preconceito racial e de gênero e a intensidade destes imbricados nas contradições de classe e geração. Agindo juntos, de maneira interseccional, o racismo e o sexismo evidenciam sua perversidade, atingem de forma direta a vida das mulheres negras, produzindo resistências e dificuldades para que elas ascendam socialmente e tenham acesso a direitos fundamentais como cidadãs. Também produzem múltiplas violências nessas mulheres: em razão da cor, por trabalhar, por reproduzir, por não ter dinheiro. Como aluno bem coloca o aluno A5 *“estão sujeitas à violência pela irracionalidade e imoralidade de primitivos”*, tornando sua vida uma luta constante. Carneiro (2003, p. 122) amarra a questão:

Em relação ao tópico da violência, as mulheres negras realçaram uma outra dimensão do problema. Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. Esses são os efeitos da hegemonia da branquitude (...)

A reflexão também perpassa por superar a ideia de vitimismo e evidenciar a mulher negra como *“símbolo de pura resistência”* (A6), não àquela estereotipada, onde seus corpos e mentes estão sujeitos a opressões, mas uma resistência histórica, exercida desde o momento que foram tiradas suas liberdades, sua dignidade, seu ir e vir. Seu espírito de resistir é firme e sólido. Mesmo passando por todos os tipos de adversidade, seguem na luta com a coletividade, na solidariedade entre suas iguais, na força de seu trabalho, não mais opressor e inferior, mas como meio de afirmação, de presença e resistência; permanecer e ressignificar os espaços onde antes eram excluídas ou impedidas de estarem. Estes espaços, segundo a fala de alguns alunos, também perpassa pelo mercado de trabalho:

“(...) cada vez mais as mulheres estão em busca de espaço, de igualdade de salários etc.” (A.6).

“(...). Espero que continuem (as mulheres negras) tentando ganhar muito mais espaços nos empregos de hoje em dia” (A.7).

“(...). É de suma importância essa conscientização e valorização do trabalho das mulheres no qual essas atitudes ajudam no empoderamento feminino no mercado de trabalho” (A.8).

Estas resistências também se concentram no campo político. E, na busca pela aquisição de direitos, representatividade, lugares de fala, muitas mulheres negras organizaram-se em movimentos e coletivos, com objetivo de acolher e lutar pelas suas irmãs, contra todas as formas de discriminação, preconceito e exclusão, a fim de obter meios eficazes para a reivindicação legal de benefícios sociais, a partir da defesa de políticas públicas afirmativas que garantam acessos a espaços e direitos historicamente negados a elas e à população negra. Os alunos se posicionaram em relação à promoção de políticas públicas para reparações históricas:

“Haja vista que o país deveria ser mais inclusivo, dando suporte a reparações históricas justas que a mulher negra mais do que qualquer um merece. Deve-se investir em políticas públicas que viabilizem uma melhor entrada desta mulher no mercado, para que assim tenhamos realmente um país plural e justo” (A.7)

“Então, é posto que o poder público deve aderir a uma política de inclusão dessas mulheres, com projetos que ensinem e devolvam assistência para que elas possam ser incluídas na sociedade. Assim como ampliar recursos para essas mulheres acessem seus direitos fundamentais.” (A.8).

“As palestras sobre mulheres negras e o mercado de trabalho foram de supra importância para o entendimento da necessidade de políticas afirmativas. (...)” (A.9).

Com base nestes depoimentos, podemos evidenciar que os alunos acreditam que o poder público deve olhar com atenção a estas mulheres, promover mecanismos legais para materializar seus direitos fundamentais – como educação, saúde, moradia, transporte etc, e possibilitar múltiplos acessos para que elas possam ascender na sociedade com igualdade de oportunidade e de direitos. Por conseguinte, devem incentivar o desmantelamento das desigualdades e exclusões, as quais foram tão caras a elas durante séculos, perduradas na hierarquia social brasileira e aliadas às estruturas que as inferiorizavam pela sua relação direta com trabalhos manuais.

No que tange às entrevistas realizadas com os alunos, fica claro a necessidade do planejamento e da elaboração de sequências didáticas para melhor entendimento sobre as temáticas abordadas. Estas, por sua vez, foram materializadas e incorporadas pelos discentes, produzindo novos saberes a partir do olhar interdisciplinar. Neste aspecto, refletir a importância do Currículo Integrado à Educação Profissional, bem como as relações que podem ser feitas aliando a categoria trabalho com as temáticas de gênero e raça nos conteúdos disciplinares, pode contribuir para um leque de discussões em sala de aula, favorecendo o ensino inclusivo, integral e contestador das problemáticas sociais, as quais são fruto das hierarquias de poder que terminaram gerando desigualdades a partir da divisão racial, de classe e gênero, afetando os indivíduos que estão diretamente ligados ao trabalho manual, no caso, a população negra, e especificamente, mulheres negras.

Fomentar estas discussões significa proporcionar o entendimento para o enfrentamento das desigualdades que afetam a vida de muitos trabalhadores (as) brasileiros (as); pensar alternativas

de superação, a partir de novos mecanismos didáticos, que relacionem o conhecimento produzido à realidade dos estudantes, promovendo subsídios novos para a reflexão da sociedade. Assim, os discentes relataram as impressões obtidas a partir das oficinas:

“Portanto, as oficinas acrescentaram de forma significativa para a formação do conhecimento e valores dos alunos, e deveriam ser apresentadas a todos os alunos, não só pelo assunto abordado, mas também pela didática diferente que atraiu o interesse dos alunos pelo assunto” (A.10).

“Durante algumas aulas a turma foi submetida a oficinas para crescer conhecimentos sobre as mulheres negras na sociedade brasileira, como foram tratadas e como algumas se encontram, a fim de aumentar a visão de mundo dos estudantes. Então, é importante que tais atividades ocorram, inclusive porque auxiliam outros profissionais do IFPA, e estudantes” (A.11).

“(...) foi de grande importância, pois nos fez repensar não só sobre a forma como a sociedade lida com essas mulheres, mas também sobre nossas ações e o que nós podemos fazer para mudar essa situação” (A.12).

As falas evidenciam um rico *feedback* dado pelos alunos. As sequências didáticas favoreceram a promoção de novos aprendizados, de valores positivos à população negra e às mulheres negras. Deixam claro que as oficinas deveriam extrapolar os momentos de sala aula e ser acessíveis a todos os outros estudantes do Instituto, visto que inovam no que corresponde à didática utilizada – foram usados diferentes recursos metodológicos direcionados aos temas dos conteúdos – ao documentário, às rodas de conversas, à análise de obras de arte e às atividades problematizadoras – que atraíram o interesse dos alunos e proporcionaram a ampliação de seus arcabouços teóricos.

Os relatos dos alunos também mostram que as oficinas foram de suma importância para conhecer e problematizar a realidade das mulheres negras, suas relações históricas com o trabalho, as imagens construídas no imaginário social e a forma como elas ressignificaram seu lugar na sociedade, a partir dos lugares de fala, de novos modos de representatividade, do resgate histórico de sua ancestralidade e identidade negra. Observou-se que essas discussões são imprescindíveis, pois podem ajudar os discentes a refletir acerca das contradições sociais sofridas por mulheres negras e propor mecanismos para que elas possam superá-las.

Fica evidente, que essas questões podem contribuir para que estudantes, profissionais do Instituto e a comunidade acadêmica em geral, pertencente à população negra, possam conhecer sua história, motivar meninas e mulheres à conquista de novos espaços de negritude e aumentar sua autoestima, a partir da valorização de seus traços estéticos. Ou seja, evidenciar novos olhares a partir de novas percepções sobre o ideal da mulher negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve a finalidade de materializar a busca por um ensino integral, omnilateral, de igual oportunidade para todos. Para isso, propôs-se superar o modelo atual de ensino, partindo para uma prática que constrói saberes em conjunto, com base em relações e conexões entre as diferentes áreas do conhecimento, com o intuito de promover um currículo real que corrobore com a defesa de uma escola única, desinteressada, integrada e transformadora.

Assim, aventuramo-nos em pensar práticas interdisciplinares para o Ensino Médio Integrado que dessem conta de refletir a realidade a partir da categoria trabalho, no seu sentido ontológico, histórico; de produção da vida e como princípio educativo. Aliado a isso, propomos uma reflexão acerca das categorias gênero e raça e suas relações históricas com o trabalho, em especial o âmbito do universo das mulheres negras, as quais, durante anos, foram sinônimo de exploração e sofrimento. Ao se propor uma nova perspectiva sobre o trabalho, observamos que as relações podem ser ressignificadas como forma de empoderamento e luta por espaços dessas mulheres. Este debate é de suma importância para pensar um Ensino Integrado transformador, que reflete, historicamente, o processo de hierarquização social e dá subsídios necessários para a transformação social, a partir de novas formas de conceber as relações entre o homem e a produção material; não mais vista de forma degradante, mas como meio para a manutenção da vida e a integração com a sociedade.

As sequências didáticas foram fundamentais para todos os envolvidos no projeto da pesquisa – alunos, professores, pesquisador (a) –, pois proporcionou conhecimento profundo sobre as relações trabalhistas no Brasil e sua ligação direta com estruturas que também definiram hierarquias sociais, como raça e gênero. Estas categorias, imbricadas, também demarcavam privilégios, excluía e ainda excluem grande parte da população – negros, mulheres, mulheres negras – que construiu relações diretas com o trabalho manual. A partir das discussões e debates em sala, pôde-se pensar, junto aos alunos, em mecanismos de mudanças de perspectivas, enxergando no trabalho um caminho possível para o questionamento e a superação das contradições sociais.

Referências

BIBLIOTECA NACIONAL. **Para uma História do Negro no Brasil**. 1988. Disponível em:http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf. Acesso em 24 de setembro de 2019.

CABRAL, Natanael Freitas. **Sequências Didáticas: estrutura e elaboração**. Belém: SBEM / SBEM-PA, 2017.

CARNEIRO, Sueli. “**Mulheres Negras em Movimento**”. *Revista Estudos Avançados*, v. 17, n. 49. São Paulo, set-dez, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2020.

CIAVATTA, Maria. “**O Ensino Integrado, a Politecnia e a educação Omnilateral. Por que lutamos?**” *Revista Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, v. 23, n.1, p. 187-205, jan-abr, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303/6679>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo**. Jornalismo. V. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila e BARRETO, Andreia (Org.). “**Gestão de Políticas Públicas em gênero e raça. Unidade 3 – Movimento negro e movimento de mulheres negras: uma agenda contra o racismo**”. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: *Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres*, módulo III, 2010.

OLIVEIRA, Rita Patrícia Almeida de; AMARAL, Edenia Maria do; CELESTINO, Arnaldo. “**Desenvolvimento de Sequências Didáticas Interdisciplinares com Professores do Ensino Médio da Rede Pública do Estado de Pernambuco: perspectivas e desafios**”. *Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais Facipe*, Recife, v. 1, n.1, p. 47-55, agosto, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27370386-Rita-patricia-almeida-de-oliveira-1-edenia-maria-do-amaral-2-arnaldo-celestino-3.html>. Acesso em 23 de março de 2020.

RAMOS, Marise. **Concepção do Ensino Médio Integrado**. In: Seminário sobre Ensino Médio, 2008. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2019.

SANTANA, Luzinete dos Santos. **Sequência didática (SD): uma prática educativa para o ensino médio integrado no curso técnico em informática do Instituto Federal de Sergipe**. Dissertação (Mestrado – Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Sergipe, Aracaju, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/bitstream/123456789/1027/1/Luzinete%20dos%20Santos%20Santana%20.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2020.

SAVIANI, DERMEVAL. “**Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**”. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2019.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.